



[_POR QUE ESTE TÍTULO?](#) [_MINHA PRIMEIRA CRÍTICA](#) [_UM POEMA](#) [_OS 10 PECADOS](#)

[_QUEM SOU EU?](#) [_FALE CONOSCO](#) [f](#) [t](#)

PEÇAS EM CARTAZ

PAPO DA VEZ

O QUE ANDEI VENDO

PENSAMENTOS

PECINHA É A
VOVOZINHA!
dib carneiro neto

O QUE ANDEI VENDO

[clique aqui para ler outras críticas recentes](#)

A sensação de ser leão, quando dizem que você é carneiro

Cia Bendita adere ao teatro de sombras e estreia espetáculo de Marcelo Romagnoli, desta vez baseado em fábula indiana sobre um leão que cresce no meio de ovelhas e demora a aceitar sua verdadeira natureza



Dib Carneiro Neto
16 de abril de 2022

Em toda cena há algum tipo de narrativa sendo feita, mas há peças de teatro em que narrar é a própria peça, é a estrutura do texto, é gênero, por assim dizer, é modalidade. O teatro narrativo, que existe desde que teatro é teatro, desde o advento dos coros gregos comentados, tem um frequente espaço de honra nas peças para crianças. Sempre teve. Quem vê muita peça infantil sabe disso. Arrisco dizer que adaptar uma fábula para o teatro, por exemplo, até exige isso do dramaturgo: quase o obriga a usar esse recurso narrativo. Um narrador conta a ação, conta o conflito, conta a reação, conta o desfecho, conta a moral da história. Conta. E, como isso é difícil de ser feito com propriedade, com criatividade, por mais que você pense que narrar seja mais facilitador do que mostrar com ações, do que deixar que o formato dialógico dê conta sozinho do recado que se quer passar ao público. Pra começar, narrar pede atores que saibam narrar, com talento para a oralidade, com carisma para atrair para si todos os olhares da plateia. Ator com talento de ator. Parece óbvio dizer isso, e é, mas digo mesmo assim: narrar é interpretar, já que narrar revela o contexto da ação que vem a seguir.



Sai domingo passado da plateia do espetáculo *Fábula*, escrito e dirigido por Marcelo Romagnoli, no Sesc Pinheiros, em São Paulo, com o maior orgulho do trio de atores da Companhia Bendita: Jackie Obrigon, Fausto Franco e Guto Togniazolo. Eles nos emocionam do começo ao fim, narrando/interpretando uma fábula livremente inspirada em um conto milenar indiano, retirado do livro *Contos Mágicos da Índia*, de Marie Louise Burke. Como é bom ver uma história bem contada no palco. O nome disso é teatro, afinal. Aliás, é assim mesmo que o próprio autor e diretor diz em off, no início do espetáculo, avisando previamente a plateia de que se trata de teatro narrativo. Ele diz: O teatro existe por causa das histórias.

O trio de atores intercala interpretações de diversos personagens – carneiros, ovelhas, coelho, raposa, coruja, leão, formiga – todos animais, como acontece nas fábulas. E ainda dá conta de, brechtianamente, conversar com o público como eles mesmos, atores em cena se dirigindo de forma direta ao público.



O diretor sabiamente prepara o clima desde o início, para a fábula que vai ser contada. Faz o elenco surgir do fundo do palco e também avisa isso antes, para o público, que se vira para trás, aguardando as entradas. E, assim, existe o momento em que os três, parados à beira do palco, sobem um degrau e pisam finalmente pela primeira vez no espaço sagrado da encenação. Justamente isso é minha única ressalva. Acho que esse momento de pisar pela primeira vez no palco deveria ser um pouco mais solene do que eles fazem. Combinaria mais com a proposta da encenação. Teatro é ritual – e as crianças precisam saber disso, aprender essa linguagem. Ritualizar um pouquinho mais esse segundinho que dura o primeiro pé no palco seria uma cereja no bolo. O texto nessa hora é perfeito. O ator que fará o leão, que acha que é carneiro, diz nesse início as mesmas palavras que repetirá ao final, na última cena. É muito bonito e inteligente fazer isso, fechar na cabeça das crianças o ciclo da fábula, fazê-las entender só no final o significado do diálogo inicial. Uma sagacidade autoral típica de um autor tarimbado como Romagnoli.

Falando em texto, resalto o seguinte: Marcelo Romagnoli chegou num nível de sua carreira de dramaturgo em que domina completamente a síntese. Usa as palavras com um comedimento de mestre. Vou contar algo pessoal que tem a ver com isso. Eu, como vocês podem ou não saber, também sou dramaturgo. Certa vez, anos atrás, fui convidado a participar de um projeto de dramaturgia junto com o Marcelo Romagnoli. Uma honra. Cada um de nós escreveu um texto para jovens, que fez parte do mesmo livro. A peça de Romagnoli era sucinta, a minha tinha talvez dez vezes mais páginas, até mais. Romagnoli percebeu aquilo e, na hora, me exclamou: “Nossa, Dib, quanto texto! Você ainda tem tudo isso mesmo a dizer ao mundo?” Baixei a cabeça e entendi a mensagem. Esse comentário pra mim foi uma lição. E agora constato outra vez, em seu novo texto, *Fábula*, o quanto ele nos ensina que uma peça não precisa necessariamente beirar a verbosidade, se inundar de palavras e mais palavras. Excessos são facilmente detectáveis pelo público, ainda mais o exigente público mirim. Uma dramaturgia enxuta é um desafio para poucos. *Fábula* tem diálogos na medida certa e todos com frases curtas, diretas, econômicas – o que não significa que não sejam eloquentes, poéticas, carregadas de sentidos – vários sentidos. *Fábula* só traz o essencial, sem gorduras. Isso é ser bom dramaturgo. *Fábula*, nesse sentido, é outra aula de Marcelo Romagnoli dramaturgo.



Entre as cenas, destaco a beleza e a graça com que a ovelha diz que quer ser mãe, revelando de forma muito singela para as crianças o quanto não se deve ter receio de expressar esse instinto maternal. Muitas crianças – meninos ou meninas – vão se identificar com isso. O encantamento e o valor do teatro infantil vêm disso: saber criar essa empatia ao tratar de todo e qualquer tema.

O programa de auditório, com o animador do Clube do Pasto, é impagável, com trilha divertida e participação da plateia. Tem o tempo certo de acabar – um diretor oportunista teria carregado mais no humor da cena. Mas, aqui, tudo é moderado e, por isso mesmo, muito eficiente. Sagaz é também a brincadeira de fazer cada espécie animal ter seu clube para frequentar. O das formigas, por exemplo, se chama Clube das Operárias. São metáforas que dão vida ao texto, aproximando – bem ao estilo das fábulas – o comportamento dos animais do jeito gregário ‘copiado’ do mundo social dos humanos. Mais um ponto positivo para a adaptação.



O conjunto estético de figurinos e visagismo de Chris Aizner e adereços de Ivaldo de Melo resultou em um acabamento muito condizente com a concepção e a direção artística das montagens. Peças leves e brancas abraçam os corpos do trio de atores e se complementam com chapéus diferentes de acordo com cada animal representado. Tudo muito criativo, sem arroubos de cores, ao contrário, com uma harmonia repousante – digna de todo o tom filosófico que perpassa a fábula. Digo o mesmo da cenografia de Marisa Bentivegna, que criou uma tenda bastante apropriada para a ideia de um espaço para abrigar histórias, sem contar que os bem pensados panos e cortinas dessa tenda são perfeitos para o desenvolvimento das inúmeras cenas de teatro de sombras, sob a coordenação de Uрга Maira Cardoso. Colabora para os momentos de sombra o design de luz, assinado pela própria cenógrafa. Um acerto atrás do outro, ou melhor, ao lado do outro. E é assim que a magia do teatro, essa arte essencialmente coletiva, faz um carneiro entender que também é leão – e finalmente rugir, sob os aplausos calorosos de gente de todas as idades – uma plateia que sai do teatro festejando o poder da transformação, a partir do autoconhecimento.



Texto e Direção Marcelo Romagnoli. **Com** Jackie Obrigon, Fausto Franco, Guto Togniazolo. **Cenário e Desenho** de Luz Marisa Bentivegna. **Figurinos e Visagismo** Chris Aizner. **Música Original** Morris. **Teatro de Sombras** Uрга Maira Cardoso. **Adereços** Ivaldo de Melo. **Fotos** Maria Clara Diniz e Rodrigo Fidélis. **Produção** Corpo Rastreado. **Duração** 50 minutos.

Temporada:

De 03 de abril a 01 de maio de 2022. Domingos às 15 e às 17 h. SESC Pinheiros. R. Paes Leme, 195 – Pinheiros.

Local : Auditório. **Ingressos** a R\$ 24 (inteira), R\$ 12 (meia) e grátis para crianças até 12 anos.

